

**UMA ESCOLA EM SUA MATERIALIDADE: RECORDAÇÕES
VISUAIS DA TRAJETÓRIA DA OBRA EDUCATIVA DOS IRMÃOS
LASSALISTAS EM CANOAS, RS (1908-1960)**

*A SCHOOL SEEN THROUGH ITS MATERIALITY: VISUAL MEMORIES
OF THE TRAJECTORY OF THE EDUCATIONAL WORK OF
LASALLIAN BROTHERS IN CANOAS, RS (1908-1960)*

Enviado em 14 de julho de 2015

Aceito em 15 de julho de 2015

Cleusa Maria Gomes Graebin¹

Rodrigo Lemos Simões²

Sandra Simone Graciano³

Resumo: O texto trabalha a partir das recordações visuais (fotografias) de edificações do Colégio La Salle Canoas (antigo Instituto São José) ao longo dos anos de 1908 a 1960. Narra parte da evolução arquitetônica da obra lassalista no município de Canoas/RS. Neste sentido, damos destaque aos registros feitos pelos Irmãos Lassalistas por meio de documentos imagéticos capazes de informar, não apenas sobre a educação, mas sobre as próprias circunstâncias em que se produziram tais registros.

Palavras-chave: Colégio La Salle Canoas (RS). Recordações visuais. Evolução arquitetônica.

Abstract: This article is based on the visual memories (photographs) of buildings of the La Salle School (the former *São José* Institute) in the city of Canoas, Rio Grande do Sul, Brazil from 1908 to 1960. The text narrates the architectural evolution of the Lasallian initiative in that city. This article highlights the visual records made by the Lasallian Brothers, which are able to provide information and insights not only related to education, but also about the very circumstance under which the records were produced.

Keywords: Canoas La Salle School. Visual memories. Architectural evolution.

¹ Doutora em História (Unisinos). Coordenadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle). Professora do Curso de História do Unilasalle. Coordenadora do Museu e Arquivo Histórico La Salle. Editora da Mouseion Revista Eletrônica. E-mail: cleusamggr@gmail.com

² Doutor em Educação (PUCRS) e Mestre em História (PUCRS). Coordenador e professor do Curso de História do Unilasalle. Professor do PPG em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle.

³ Licenciada e Bacharel em História (Unilasalle). Especialista em Educação para a Diversidade (UFRGS). Assistente do Museu e Arquivo Histórico La Salle. Professora da rede estadual de ensino (RS).

Este ensaio é resultante de pesquisa desenvolvida em 2013, para a montagem de uma das exposições itinerantes do Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS), intitulada “Unilasalle e Canoas(RS): trajetórias paralelas”.⁴Para este trabalho, separamos conjunto de fotografias abrangendo o período compreendido entre o ano de 1908 e a década de 1960, narrando, a partir das imagens⁵ das edificações, a expansão do Colégio La Salle Canoas(antigo Instituto São José). Nossas fontes foram o primeiro Livro Memorial do Instituto São José⁶e acervo da fototeca⁷do Museu.

Acreditamos, como Custódio que “não há [...] memória sem imagem” (1999, p. 130), porém, não estamos dando a fotografia um sentido mimético, pois o importante é ver como os Irmãos Lassalistas representavam o seu mundo, ou seja, as suas escolas, “[...] e quais valores e conceitos que experimentavam e que queriam passar, de maneira direta ou subliminar [...]” (PESAVENTO, 2005, p. 88).

Ao mesmo tempo em que a fotografia é suporte de memória, também se constitui em recorte material de uma realidade e como mensagem que se processa no tempo⁸. Temos de compreender o que ela representou no contexto cultural em que foi produzida e como dela nos apropriamos no presente, desvendando significações.⁹ Monteiro informa que “a fotografia é uma imagem ambígua e polissêmica, passível de múltiplas interpretações de acordo com o meio que a veicula, seu intérprete, os contextos e os tempos de sua produção e recepção” (2007, p. 160).

Há que considerar as questões de poder, as vontades institucionais e as nossas próprias intenções ao fazermos a curadoria, a montagem de exposições e a elaboração deste ensaio visual, designando o que é ou não memorável, legitimando uma determinada narrativa do passado ou construindo outra interpretação. Assim, quando

⁴ Nessa mostra, abordamos o percurso histórico da obra educativa dos Irmãos Lassalistas em Canoas (RS), relacionando-a a urbanização do município, abrangendo o período de 1908 a2000. Os Lassalistas, como são conhecidos no Brasil, fazem parte da congregação religiosa Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, criada no século XVII, na França, pelo padre João Batista de La Salle. No Brasil, chegaram em 1907, instalando-se em Porto Alegre (RS), de onde expandiram suas escolas pelo restante do país.

⁵ As fotografias são de autoria dos Irmãos que residiram na comunidade educativa de Canoas (RS) entre 1908 e 1960.

⁶ Os livros memoriais trazem informações do que ocorre diariamente em cada instituição escolar lassalista, no seu entorno e no mundo. Sua escrita é designada a um dos Irmãos residentes na escola, tido como o guardião da memória (um Irmão-memória, parafraseando NORA, 1993, p. 21). Após a criação do MAHLS em 1998, junto ao Unilasalle Canoas, os Irmãos residentes na comunidade educativa passaram os livros memoriais, o acervo fotográfico, as coleções de recursos materiais didáticos, mobiliário escolar e outros, para a guarda do Museu.

⁷ A organização e catalogação do conjunto de documentação imagética doado ao MAHLS pelos Irmãos seguiu o arranjo temático já adotado pelos mesmos.

⁸ Ver: Cardoso e Mauad (1997) e Huyssen (2000).

⁹ Idem.

utilizamos esses rastros memoriais¹⁰ mostramos a escola em sua materialidade, historicidade e memória, resultantes de construções e reconstruções mediadas e negociadas nos grupos ou corpo social¹¹.

As imagens que apresentamos, no seu lugar de origem, isto é, no Livro Memorial e no acervo da fototeca do MAHLS, mostram uma construção da história do Colégio La Salle Canoas. É importante registrar que elaboramos este ensaio, imbuídos de valores, elementos culturais, visões de mundo, sensibilidades e também, visualizando as edificações, a cada dia, das janelas de nossas salas de trabalho. Assim, fazemos outro exercício do olhar, a partir de nossa própria narrativa histórica, atribuindo significados ao universo escolar, a partir de nossas competências visuais¹².

Observando as linhas da arquitetura dos prédios, as tomamos como fios que nos ligam à educação nas escolas lassalistas, bem como são matéria-prima para tecer nossa narrativa. Neste caso, nossos personagens são as edificações e nosso enredo quer abrir uma janela no tempo e desvelar a trajetória de uma escola.

INICIANDO A NARRATIVA

Iniciava o ano de 1908 quando os Irmãos Lassalistas chegaram a Canoas para fundar o Instituto São José (Colégio La Salle Canoas). Segundo o Ir. Jacob Parmagnani,

[...] Canoas era uma vilazinha recém servida pela linha de viação férrea [ligando Porto Alegre a São Leopoldo] e que começava a tomar certa importância como local de vilegiatura. Famílias abastadas da capital construíam ali suas residências de veraneio. (1979, p. 41).

¹⁰ Sobre vestígios/rastros memoriais, ver Bernd (2013).

¹¹ Sobre memória ver Halbwegs (2004); Pollack (1989).

¹² Aqui recorremos a Machado Júnior quando explica sobre “a importância das competências de um espectador para o ato de interpretação das imagens, as quais compõem parcela de um determinado ambiente visual” (2012, p. 97).

Figura 1 – Fotografia com vista aérea do povoado de Canoas ao final de 1908.



Fonte: Livro Memorial do Instituto São José (1908 a 1949). Acervo do MAHLS.

Adquiriram uma propriedade onde funcionava um hotel, adaptando as instalações existentes e construindo, prédios para as finalidades escolares. Assim, a escola lassalista passava a ter sua materialidade no espaço canoense, nos artefatos físicos —prédios e salas—, e nos artefatos móveis: armários, carteiras, recursos materiais didáticos, camas, mesas, cadeiras, etc.

Figura 2 – Fotografia do primeiro prédio construído para o Instituto São José, 1910.

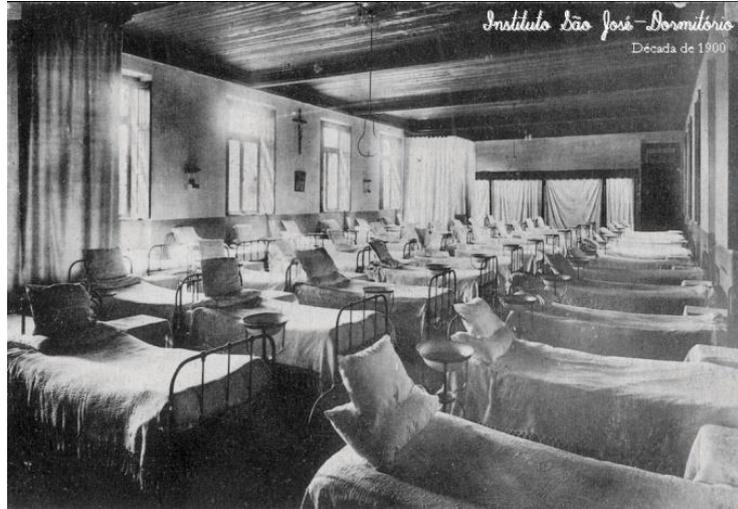


Fonte: Livro Memorial do Instituto São José (1908 a 1949). Acervo do MAHLS.

A escola iniciou as aulas a 4 de março de 1908, funcionando em regime de internato com ensino primário, comercial e agrícola e aos moldes daquilo que os

Irmãos faziam na França e em outros países, foi criada uma escola paroquial, o Externato São Luis, para os filhos das famílias menos favorecidas da localidade.

Figura 3 – Fotografia do dormitório para os alunos internos. Década de 1910.



Fonte: Livro Memorial do Instituto São José (1908 a 1949). Acervo do MAHLS.

Gonçalves afirma que a “arquitetura escolar é suporte material e simbólico do ensino e também se realiza no significado que o usuário vai lhe atribuindo durante o uso desta arquitetura” (1999, p. 47). Pelo que se pode inferir a partir da leitura dos livros memoriais, os Irmãos Lassalistas atribuíam relevância aos espaços físicos para a prática do ensino, pois vincularam as intervenções e construções de edificações com seu projeto pedagógico, voltado para um ensino com bases científicas, formação para o trabalho e educação moral, cívica e religiosa, esta última com grande ênfase no currículo, ganhando espaço destacado — a Capela São José — entre as primeiras edificações, a saber: salas de aula, pátios, jardins, laboratórios, enfermaria, campo para jogos e exercícios físicos.

Figura 5 – Fotografia do prédio da Capela São José (ao fundo). Década de 1920.



Fonte: Livro Memorial do Instituto São José (1908 a 1949). Acervo do MAHLS.

Nas imagens fotográficas do Livro Memorial do Instituto São José (1908-1949), pode-se acompanhar a dinamicidade do espaço escolar lassalista. Na década de 1930, o conjunto de edificações é o pano de fundo de nossa narrativa que remete às marcas que os Irmãos levantam em Canoas com ferro, cimento, madeira e tijolos, mas para além da materialidade, a carga subjetiva, a concepção de mundo e de educação, visível também nas práticas pedagógicas.

Desde os seus primórdios (séc. XVII), a criação das escolas cristãs idealizadas por seu fundador, João Batista de La Salle, pautou-se por uma rígida organização no que concerne aos diversos aspectos do seu funcionamento. Sem que se perdesse a ênfase religiosa, privilegiou a formação dos estudantes levando em consideração as circunstâncias socioculturais dos locais onde foram implantadas. Neste sentido, Manacorda (2002), destaca a organização didática voltada a uma pré-aprendizagem das profissões, fato este que pode ser observado inclusive na aprendizagem da escrita que se dá por meio de “mestres e lugares próprios, [posto tratar-se de] uma técnica especificamente material, que exige cuidados particulares e é voltado a preparar para o ofício” (MANACORDA, 2002, p. 282).

Figura 6 – Fotografia com vista aérea de Canoas (RS) com o Instituto São José ao fundo. Décadas de 1930/1940.



Fonte: Fototeca do MAHLS.

Entre 1930 e 1945, período determinado como Era Vargas, foi inaugurado um novo momento para a educação no Brasil. As reformas implementadas, segundo as autoridades instituídas, visavam à modernização, a urbanização e a industrialização do país. Neste sentido, também se necessitava de um novo homem que servisse à pátria,

trabalhando e cuidando da família. Para tanto, notadamente¹³ no período chamado Estado Novo, entre 1937-1945, deu-se especial atenção à educação. Para o governo, de acordo com Gomes,

“só pelo ensino se poderia construir um povo integral, adaptado à realidade social de seu país e preparado para servi-lo. A intervenção do Estado Novo, fixando os postulados pedagógicos fundamentais à educação dos brasileiros, tinha em vista uma série de valores dentre os quais o culto à nacionalidade, à disciplina, à moral [...]” (1999, p. 63).

Com a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário no ano de 1942, o Estado reforçou sua convicção em formar a juventude dentro dos princípios patrióticos e humanísticos que, conforme Romanelli, deveriam proporcionar aos adolescentes “a compreensão dos problemas e das necessidades, da missão, e dos ideais da nação, e bem assim dos perigos que a acompanhem, cerquem ou ameacem [...]” (2002, p. 157). Pelo Decreto-Lei nº 4.245 de 9 de abril de 1942, o governo buscava organizar o ensino secundário no país, iniciando com o curso ginásial de quatro anos, num primeiro ciclo e curso científico ou clássico de três anos (BOMENY, 1999). Entre as disciplinas dos currículos constavam educação física, humanidades, geografia, história, línguas estrangeiras, ciências físicas, químicas e biológicas, etc. o sistema visava a dar condições aos jovens de frequentarem, após o primeiro ciclo, cursos profissionalizantes.

Segundo Romanelli (2002), o ensino técnico profissional que se estrutura a partir do início da década de 1940 sob o tripé composto pelos setores chave da economia de então, a saber a indústria, o comércio e a agricultura, visava suprir determinadas carências relativas a mão de obra especializada no país. A guerra desencadeada na Europa e que adquirira proporções mundiais acabou por desenvolver certos “mecanismos de contenção da mão-de-obra dos países europeus para o Brasil”. [e que] “até essa altura não existira uma política adequada de formação de recursos humanos no país” (idem, p. 155). Nesta mesma época, os Irmãos Lassalistas equiparam o Instituto São José com laboratórios de física e química, salas especiais para estudo de história natural, aparelharam a marcenaria e modernizaram as salas de aula.

¹³ Embora se destaque aqui as ações educacionais durante o Estado Novo, várias reformas já haviam sido implementadas desde 1934. Para saber mais ver Pandolfi (1999).

Figuras 6 e 7 – Laboratório de Física (esquerda) e Marcenaria (direita). Década de 1940.



Fonte: Fototeca do MAHLS.

Conforme Fonseca (2003, p. 72), “a chamada ‘Era Vargas’ é particularmente privilegiada quanto às ações do Estado no sentido de orientar o ensino [em especial o ensino] de história para a formação moral e política”. Contudo, isto foi uma tendência possível de ser observada ainda no século XIX, e que ganhou fôlego nas primeiras décadas do século XX, momento em que se passou a debater de forma mais efetiva as iniciativas de delimitação dos espaços e conteúdos sagrados e profanos no ambiente escolar. No Instituto São José, em cada sala de aula, o retrato de Getúlio Vargas foi colocado entre símbolos católicos, ou seja, o crucifixo, o coração de Jesus e o de Maria, introduzindo um novo rito, misturando o culto às imagens religiosas à devoção ao Presidente.

Figura 7 – Fotografia com vista interna de sala de aula. Década de 1940.



Fonte: Livro Memorial do Instituto São José (1908 a 1949). Acervo do MAHLS.

Durante os anos 1940/1950/1960, Canoas (já como município desde 1939), passou por intensas mudanças: a urbanização avançou sobre as chácaras com plantações de arroz, criação de gado e cultivo de hortaliças e frutas. Estas foram

recortadas em loteamentos residenciais, ruas e avenidas que passaram a atravessar a cidade em diferentes sentidos. Imponente, o complexo do Instituto São José destacava-se na paisagem, revelando-se como parte importante da história, da cultura e da memória do município. Conforme Venturini (2009, p. 140), pode-se entender a cidade como sendo um local que “constitui-se e deixa-se constituir numa ordem que, de um lado, é própria dela e, de outro, caracteriza-se pela sua ligação com os cidadãos que a habitam e a constituem como texto”. Nas cidades, a materialidade das construções adquire um novo sentido para aqueles que nela habitam uma vez em que vão sendo identificados e narrados percursos comuns capazes de representar e contar sobre o passado e o presente dos grupos humanos que delas fazem parte. Como um texto escrito a várias mãos, o colégio dos Irmãos Lassalistas é ao mesmo tempo edificação humana que, na sua materialidade abriga a história da educação e do próprio município, como também é espaço da memória, fenômeno construído social e individualmente e que está estreitamente relacionado ao sentimento de identidade (POLLAK, 1992).

Figura 8 – Fotografia com vista aérea de Canoas, com complexo do Instituto São José em primeiro plano. Década de 1960.



Fonte: Fototeca do MAHLS.

FINALIZANDO A NARRATIVA

Na paisagem canoense o Instituto São José tornou-se singular como instituição escolar, acompanhando o crescimento da cidade, as reformas do ensino, as propostas educativas e as novidades nos fazeres e saberes pedagógicos. Local onde se forjou a educação canoense, mas também a própria identidade do município, posto tratar-se de

uma sólida referência para as gerações que por ali passaram, encontrando parâmetros que serviram como referência na construção de suas trajetórias de vida.

Visualizando as imagens, fragmentos de memória, produzimos uma narrativa sobre a trajetória do Instituto a partir da sua materialidade, representada por um conjunto de fotografias de seus espaços físicos. Para tanto, nos valemos do contexto em que foram produzidas e de nossa imaginação ao fazer a leitura do passado. Estes espaços não são estáticos, pois são as redes de relações sociais que lhes dão consistência, no partilhar de significados e sentidos. Imersos nessas imagens, elas nos evocam lembranças de momentos vividos durante nossa prática de docentes e pesquisadores. Somos acometidos por sentimentos nos quais se misturam ternura, acolhimento, memórias, pois os fios que tecem nossas vidas se misturam com os fios (linhas) dos prédios, dos pátios e jardins.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf>. Acesso em: jan.2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 401-447.

CUSTÓDIO, José de Arimathéia Cordeiro. E Narciso e Mnemósine geraram a fotografia. In: MAGAHÃES, Fernanda; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. **O discurso fotográfico**. Londrina: EdUEL, 1999. p.141-160.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf>. Acesso em: jan.2013.

GONÇALVES, Rita de Cássia. A arquitetura escolar como materialidade do direito desigual à educação. **Ponto de Vista**, Florianópolis, v. 1, n. 1, jul./dez. 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1520>>. Acesso em: jan.2014.

HALBWACHS, Maurice. **La memória colectiva**. Zaragoza: Prensas Universitarias, 2004.

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e códigos culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

MANACORDA, Mario Aliguiero. **História da educação**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.27, n. 53, jan./jun. 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100007>. Acesso em: nov.2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>> Acesso em: nov.2013.

PARMAGNANI, Jacob, Fsc. **Irmão Pedro**. Canoas: Tip. e Ed. La Salle, 1979. (Col. Vidas Lassalistas).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:
<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: dez2012.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em:
<http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: nov.2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2009.